

O VERBO POÉTICO DE PEDRO CASALDÁLIGA: PARIDO NO TURBILHÃO SOCIAL E NA SOLIDÃO ESPIRITUAL

Jorge Arlan de Oliveira Pereira¹
Marinete Luzia Francisca de Souza²
Valéria Oliveira Vasconcelos³

CASALDÁLIGA, Pedro. *Fogo e cinza ao vento*: antologia espiritual. Tradução de Eric Nepomuceno. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2022. (Título original: *Fuego y ceniza al viento*: antologia espiritual).

O projeto de publicação da coletânea *Pedro Casaldáliga, in Memoriam*, financiado com recursos da Lei Aldir Blanc, conforme Edital de Seleção Pública nº 04/2020/SECEL/MT – Conexão Mestres da Cultura, vem nos últimos anos desenvolvendo ações de divulgação da obra e vida do poeta catalão, missionário e ativista das causas sociais indígenas, negras, camponesas e femininas. Pedro Casaldáliga era espanhol, nascido em Balsareny, Barcelona, no ano de 1928. Viveu em São Felix do Araguaia, no estado de Mato Grosso (Brasil) da década de sessenta, do século XX, até agosto de 2020, mês de seu falecimento.

Neste período, o missionário se entregou com muita dedicação ao povo mato-grossense e às causas sociais da região. Foi cenário muito frutífero para registros poéticos e artísticos que impulsionaram a escrita de seis livros de poemas publicados em português e nove em espanhol. Os estilos adotados por ele são o verso livre, sonetos, haicais e cantigas. Registrou sua vida e obra missionária por meio dos gêneros diário e epistolar, explorando os recursos: ficcional, comunicativo e/ou jornalístico para manifestar suas observações e reflexões como ativista. O poeta trabalhou várias temáticas, mas a natureza, o sagrado, os povos, os marginalizados e as águas arrebataram o seu “ser poético”.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Atualmente é Professor Adjunto do Curso Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso/Campus Universitário do Araguaia. E-mail: jorgearlan.op@gmail.com

² Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa (investigação e ensino) pela Universidade de Coimbra (Faculdade de Letras). Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos e Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: marineteluzia2@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação de Linguagem – PPGEL da Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT. E-mail: val55@hotmail.com

Como forma de propagação das obras inéditas do poeta no Brasil, os poemas foram publicados em três volumes bilíngues pelo projeto *Pedro Casaldáliga, in Memoriam*, traduzido pelo renomado jornalista e escritor Eric Nepomuceno. Obedecendo à ordem cronológica da publicação dos originais em espanhol, temos: *Palabra ungida*, de 1955; *Fuego y ceniza al viento: Antologia espiritual*, de 1984; e *El tiempo y la espera*, de 1986. A penúltima obra, *Fuego y ceniza al viento: Antologia espiritual*, publicada em 2022 pela Editora mato-grossense Entrelinhas, é o objeto de análise da resenha apresentada. Contém 184 páginas, com o prefácio “Pedro Casaldáliga: uma poética de esperança”, de autoria de Michael Jhonatan Sousa Santos. Dividido em três seções “Vim trazer fogo à terra: e o que vou querer a não ser que arda??”, “O verbo de Deus se faz homem Nascido de mulher e habita entre nós” e “Deus ama o mundo de tal maneira que nos manda o seu Filho para reunir-nos em família”, com o total de 66 poemas.

Michael Jhonatan Sousa Santos elabora o prefácio, apresentando a coletânea como pede a obra de Pedro Casaldáliga. Ele destaca três poemas para ilustrar a força literária dos escritos. O primeiro poema analisado é “Retificação” (CASALDÁLIGA, 2022, p. 62) que fala sobre saber “esperar”, ou seja, uma espera esperançada no futuro, mas também pautada nos que agem porque necessitam realizar o quanto antes. O que acaba gerando o embate entre o “esperar” e o “forçar”. A urgência do agir é clara nos versos, pois o que importa é suprir as necessidades básicas não atendidas, já que não há como esperar. São pautas latentes nas lutas sociais das minorias fragilizadas e que precisam de atenção como: educação, saúde, segurança, moradia... direito à vida. Mas direito permanente e sólido, que seja inabalável diante das vontades do “poder”.

Não há como ser engajado sem viver a poética da esperança, como Pedro Casaldáliga bem abraçava. O engajamento é a prática de esperar a vida. Lutava de várias formas contra as violações que fazem sofrer os menos favorecidos. Seus instrumentos eram diversos, desde a homilia até os seus poemas e escritos íntimos de quem usava o recurso literário como meio de registrar e protestar contra a desigualdade social.

Em seguida reflete sobre o poema “Bandeira de Natal” (CASALDÁLIGA, 2022, p. 98), inspirado na narrativa bíblica sobre o nascimento do Salvador, Jesus Cristo. O eu lírico explora o fato, não isolado, e sim compartilhado com outros viajantes e

cavaleiros, usando-os como referência para associá-los aos pastores e aos reis magos. Portanto, mostra toda a saga do Menino Deus antes de Seu nascimento, da fuga de sua família do governo genocida de Herodes até sua chegada, acolhida pelos braços dos pais terrenos.

O tempo e o espaço são secundários, pois o poema remete para a atualidade, trilhando o percurso na companhia do povo simples do sertão, usando as suas indumentárias características, como o chapéu de palha. O cenário sugerido desperta um refletir a respeito da situação de que, independente do lugar e do momento, a luta pela sobrevivência é uma constante na realidade de muitos em qualquer lugar do Brasil, quicá do mundo.

Finaliza o prefácio com a reflexão sobre “Pobreza evangélica” (CASALDÁLIGA, 2022, p. 74), poema em que o poeta-bispo forja o escrito ao personificar e relacionar o sofrimento humano com a opressão social desenvolvida pelos interesses mais diversos, deixando bem claro nos últimos versos, porém, que, ao final, a ação do opressor não cala o oprimido.

O poema introdutório da obra *Fogo e Cinza ao vento*, portanto, reforça o espírito e a convicção de Pedro Casaldáliga de que metaforicamente a redução das cinzas simbolizam a redução das mazelas do mundo como o lucro, o poder, a hipocrisia e a prepotência. O prefacista conclui que o livro é um grande convite a uma espiritualidade que se entrelaça com a esperança, fonte propulsora de vontades e desconfortos, marcantes na reverberação do “saber forçar” no sentido daquilo que de fato importa e clama por urgência na partilha de tudo, inclusive da força de lutar e resistir.

Além dos poemas citados no prefácio é possível navegar em um mar de possibilidades reflexivas na obra do bispo-poeta, como por exemplo em “Evasão” (CASALDÁLIGA, 2022, p. 98), poema integrante da seção *O verbo de Deus se faz homem nascido de mulher e habita entre nós*. Nele é explorado o recurso da repetição de palavras-chave que ao serem trocadas de posição geram uma nova perspectiva reflexiva sobre a condição social do indivíduo, confrontando a dicotomia riqueza e pobreza. Outro detalhe percebido são os verbetes “confina” e “dispensa”, dois verbos que remetem a encarcerar/prender e desobrigar/isentar, respectivamente.

No primeiro verso da estrofe de a “casa do pobre”, então, a pobreza está presa à tragédia da miséria presente no verso “confina a tragédia”, sugerindo que a vida do rico

pode estar cercada de mais pobreza do que a vida do pobre. A pobreza no sentido literal é uma condição social resultante da falta de: oportunidades, alimentação, moradia, saúde, educação, entre outros.

A pobreza no sentido figurado já realça a forma e/ou meios utilizados pelo rico para conquistar a sua “riqueza” e o quanto de pobreza gerou com a sua ganância. Na segunda estrofe, a casa do rico não apresenta este choque contrastante, pois a sua casa tem a foto de um pobre como uma “obra de arte” em exposição, para um breve comentário, sobre o fotógrafo, o tipo de coloração da foto ou a paisagem, por exemplo, mas sem a sensibilidade do que poderia fazer, como rico, para reverter o quadro social.

Evasão

Casa de pobre,
foto de rico.
(A imagem
confina a tragédia).

Casa de rico,
foto de pobre.
(A imagem
Dispensa o remordimento).
(CASALDÁLIGA, 2022, p.108)

O poema “E o Verbo se faz classe” (CASALDÁLIGA, 2022, p. 40), integrante da seção *Vim trazer fogo à terra: e o que vou querer a não ser que arda??*, pondera de forma sucinta que o Verbo, Jesus, veio ao mundo pelo ventre de Maria, sua Mãe. Mas foi graças ao pai terreno, José, que recebeu a consciência de classe operária, pois aprendeu o ofício da carpintaria.

O ofício da carpintaria torna Jesus um operário como seu pai. A atividade artesanal e braçal de entalhar a madeira com o objetivo de confeccionar móveis, utensílios, entre outras formas de arte da transformação, com esmero e paciência. Mas não é só a consciência do trabalho executado, é a reflexão da posição hierárquica social que a classe operária ocupa como mão-de-obra necessária, porém inferiorizada pelas relações de poder na sociedade nos tempos a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo).

E o Verbo se faz classe

No ventre de Maria
Deus se fez homem.
E na carpintaria de José

Deus também se fez classe.
(CASALDÁLIGA, 2022, p.40)

A obra *Fogo e Cinza ao vento: Antologia espiritual* está entremeada com ilustrações de Cerezo Barredo. As imagens remetem à técnica da xilogravura⁴ e fazem leituras da essência dos poemas do bispo-poeta e de toda a sintonia com o evangelho e o povo ungido. No desenho da página 137 se lê a reflexão “Deus / ama o / mundo / de tal / modo / que nos / envia o / seu filho / para / nos / reunir em / família” (CASALDÁLIGA, 2022, p. 136). A imagem permite ver nitidamente a presença de Deus – Pai segurando a mão de Deus – Filho, Jesus que, por intermédio do Espírito Santo, abençoa todos os filhos terrenos com a sobreposição de Suas mãos. Na ilustração, percebe-se a presença de vários povos, mostrando que Deus não faz distinção de Seus filhos, ou seja, os ama de forma igual.

Pedro Casaldáliga, com muita beleza e serenidade, tece vários haicais⁵ e, entre seus escritos, está “Abraão” (CASALDÁLIGA, 2022, p. 142), constante na seção *Deus ama o mundo de tal maneira que nos manda o seu filho para reunir-nos em família*. Como o gênero literário sugere, o haicai tem como essência a contemplação da natureza, dos astros, do tempo... da vida. O poema, tão compacto no número de versos, se mostra magnânimo no exercício da sintonia de homem e universo.

O eu poético sugere que quantifiquemos menos e admiremos mais a beleza das estrelas no céu, o que faz remeter para a desaceleração das pessoas para um ritmo em que possam aprender a viver, a apreciar e a sentir mais as coisas simples. No último verso “Não tente numerá-las”, o verbo “numerar” faz uma conexão com a forma de vida capitalista, esquecida do “ser” e para viver em função do “ter”.

Abraão

Contemple as estrelas,
Abraão.
Não tente numerá-las.
(CASALDÁLIGA, 2022, p.142)

A coletânea de Pedro Casaldáliga é um presente, verdadeiro deleite de poemas e poesias, cheias de ensinamentos mesclados com o ritmo da vida dos povos com quem conviveu. Uma escrita solitária, mas acompanhada pelas vozes dos indígenas, dos

⁴ Xilogravura – gravura em madeira. (BUENO, 2007, p.808)

⁵ Haicai – Pequeno poema japonês de três versos. (BUENO, 2007, p.400)

quilombolas, dos ribeirinhos, dos marginalizados... dos filhos de Deus, como bem aponta Paz (1982) no excerto “[...] o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário.” (PAZ, 1982, p. 15).

O poema é uma construção que depende da sensibilidade e da leitura de mundo que o poeta faz, de seu olhar, suas experiências, e também pelo seu sentimento para consigo e para com os outros. O poeta é constituído de muitas vozes. Cada uma fala um pouco e todas ecoam no poema. Pedro Casaldáliga era o “colhedor de vozes” e por meio da palavra falada, dos ensinamentos compartilhados, cunhava com poesia a palavra escrita.

A sequência dos poemas da coletânea é também um revelar constante da figura humana do autor. A história de vida de Pedro Casaldáliga se corporifica em muitos temas e versos, revelando especialmente a radicalidade de sua opção de vida, desde o seu movimento de saída da Europa até sua inserção numa realidade encravada no interior do Brasil.

A percepção referida aparece claramente no poema *Eu me atenho ao que foi dito* (p. 92), quando assinala o que seria necessário para viver coerente e profundamente os valores da justiça, da humildade, da liberdade e da fé. E nos indica que, na dúvida, ele se atém à esperança, porque esta representa a expectativa inabalável do cumprimento da promessa divina.

Poderíamos dizer que Casaldáliga se constituiu no pensamento de uma “Teologia da Esperança”, sentida e vivida por ele, embora estivesse circunscrito nas concepções e práticas da consagrada vertente religiosa da *Teologia da Libertação*. Na perspectiva desta, simbolizada pela cruz, onde as linhas vertical e horizontal definem o encontro entre oração e ação, podemos mencionar o poema *A prostituta* (p. 114) em que descreve uma mulher dos tempos atuais, na sua dura realidade, sem condená-la, percebendo-a na integralidade humana, na procura de relação dos sinais exteriores com os valores profundos da uma interioridade que a mulher deixa transparecer.

Uma visão política mais aguda se mostra no texto *Dois senhores* (p. 152), no qual afirma de modo enfático que não é possível servir simultaneamente ao Reino e ao sistema, estabelecendo a incompatibilidade de seguir o Deus de Jesus Cristo e também

ao Diabo do dinheiro, numa evidente crítica aos valores e ordenamentos do capitalismo. Ainda no poema *Cultivo vivo* (p. 160) defende que o povo tem direito ao pão da eucaristia, porque é o povo que faz o pão, ou seja, o sagrado vem do trabalho decorrente de uma forma de produção social e econômica.

Em várias passagens estabelece relações entre vida e morte, luta e paz, como no texto *Dai-nos tua paz* (p.162) em que propugna: *Dai-nos, senhor, aquela paz estranha que brota em plena luta como uma flor de fogo (...)*. Coloca-se, em ato político, a favor dos pobres, perseguidos e rejeitados socialmente, na perspectiva de que eles sejam a semente do reino de Deus.

O homem Pedro Casaldáliga elaborou seus versos como expressão do seu comprometimento com os outros, portanto na intensidade de sua vivência social, não poucas vezes conflituosas com os detentores do poder político, mas tinha imensa necessidade de também estar só. No percurso da coletânea, fez seguidas menções ao valor da solidão, como, mais explicitamente no poema *Solidão* (p. 120) em que revela como precisa dela para se encontrar e como a solidão se vai depois que ele se reencontra consigo mesmo.

O poeta e missionário marcou sua trajetória pessoal pelo caráter da simplicidade e da humildade, no desapego às riquezas materiais, sem vestes, acessórios ou outros bens que remetessem a qualquer ideia de ostentação. Nesta linha de entendimento e de coerência radical, condenou a igreja que se preocupa com o acúmulo de riquezas, porque estaria se distanciando dos propósitos do Reino de Deus, compreensão que fica nítida em *Reino e a Igreja* (p. 146).

No entanto, não identificamos no conjunto dos poemas de *Fogo e cinza ao vento: antologia espiritual*, uma crítica explícita à estrutura da Igreja católica cujo percurso ao longo dos últimos tempos foi marcada por escândalos de ordem financeira e moral (casos de padres pedófilos), além de ter desenvolvido políticas eclesiais restritivas às ações dos religiosos vinculados à Teologia da Libertação.

O estilo literário de Pedro Casaldáliga pode ser classificado como acessível, em termos gerais, porque sua escrita é bastante demarcada por conceitos clericais consagrados, bem como por situações cotidianas da vida do povo. Determinados textos, porém, se tornam de compreensão mais difícil para os que não detêm certa iniciação em

reflexões filosóficas, capaz de dar o suporte para ingressar nos meandros e nas inflexões dos significados.

Trata-se de uma leitura de profundo valor humanístico, agradável e seguidamente introspectiva, indicada para religiosos, professores, estudantes e lideranças populares interessados em conhecer e aprofundar conhecimentos em um cristianismo inserido concretamente na vida do povo. Certamente também àqueles que apreciam a beleza de um texto sensível e portador de uma força transformadora.

Para ilustrar a percepção desta estética, finalizando aqui nossa proposta descritiva e analítica, destacaríamos um texto curto, nos quais, compreendemos nós, Pedro Casaldáliga, consegue ser ainda mais penetrante e provocador. Vemos isso em *A difícil comunhão* (p. 154), em que poucas palavras demonstram quão difícil é compreender o outro, compreender a si e ainda mais duro é estabelecer o nós da comunhão.

REFERÊNCIAS

BUENO, Silveira. *Silveira Bueno*: minidicionário da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.

PAZ, Octávio. Poesia e poema? In: PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Recebido em 10/07/2022

Aprovado em 05/11/2022